O TESTEMUNHO DE SÃO PAULO

A importância da Eucaristia é atestada pelo vigor com que São Paulo apela à tradição mais primitiva, da qual provém essa verdade. A Eucaristia é uma maravilha que poderia parecer incrível, se não fosse garantida pela transmissão fiel de uma recordação que remonta, certamente, às origens.

Cronologicamente, o testemunho da Primeira Carta aos Coríntios é a mais antiga; como a carta foi escrita por volta de 56-57, o seu testemunho é anterior ao dos Evangelhos. Contudo, além dessa antiguidade, devemos sublinhar que Paulo aponta o próprio Jesus como origem da tradição por ele referida, para trazer à plenitude da luz a autenticidade indubitável da verdade transmitida.

> *«De facto, recebi pessoalmente do Senhor aquilo que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de Mim." Do mesmo modo, depois da ceia, tomou também o cálice, dizendo: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; todas as vezes que beberdes dele, fazei-o em memória de Mim"»* (1Cor 11, 23-25).

Deste facto, imposto pela tradição, Paulo tira uma conclusão sobre o significado essencial da refeição eucarística: *«Portanto, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha»* (1Cor 11,26). As circunstâncias desta refeição, que teve lugar na noite em que Jesus foi traído, e o significado das palavras referidas ao corpo oferecido pelos discípulos, e ao sangue derramado da nova

aliança, revelam o alcance de uma refeição destinada a anunciar a morte de Cristo, tendo em vista a sua vinda na glória.

Recebi do Senhor

A expressão «recebi do Senhor» não significa que Paulo tenha beneficiado de uma revelação particular em que o próprio Cristo lhe tivesse dirigido a palavra. Aquilo que ele recebeu foi uma tradição que tinha a sua origem nos atos e nas palavras de Jesus.

Ele transmitiu essa tradição aos Coríntios, com a plena consciência de que o valor da tradição era garantido não só por recordações, mas pela autoridade de Cristo, que tinha instituído a Eucaristia. Paulo quer sublinhar que o ensinamento transmitido pela sua catequese eucarística não provém de uma simples opinião nem de uma interpretação pessoal.

O testemunho que dá foi inteiramente recebido da doutrina transmitida na Igreja. Ele limitou-se a recolher a verdade atestada por algumas testemunhas da Última Ceia e fielmente conservada por aqueles que recolheram as suas recordações. Tais recordações permitem remontar ao próprio Cristo, como fonte da Eucaristia.

Esta referência solene de Paulo à tradição verifica-se noutra circunstância, a propósito da ressurreição de Cristo: na mesma Carta, somos tocados pelo facto de depararmos com uma insistência análoga sobre a transmissão que garante a autenticidade da fé: «Transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi, isto é: Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras» (15, 3-4). A morte redentora e a ressurreição constituem a afirmação mais fundamental da revelação cristã. A ressurreição é, sobretudo, o milagre por excelência, que confirma todo o ensinamento dado por Jesus e que manifesta a força espiritual vitoriosa com a qual Ele

comunica à humanidade a salvação e a vida nova, a sua própria vida, destinada a transformar a existência de todos os indivíduos. Este acontecimento deve ser garantido, tal como a Eucaristia, por uma tradição fundada sobre as experiências das primeiras testemunhas.

E significativo que Paulo recorra expressamente à garantia da tradição para fazer duas afirmações de fé: a do drama pascal, com a morte e ressurreição de Jesus, e a da Eucaristia. Pretende assim sugerir que a Eucaristia é uma verdade essencial, da máxima importância, ligada ao cumprimento da obra da salvação. Em tal obra, morte e ressurreição de Cristo constituem um vértice, realizado através dos acontecimentos da história. No campo do culto cristão, importância análoga cabe à Eucaristia; a Eucaristia faz entrar na vida do crente a fecundidade transformadora da morte e ressurreição do Salvador.

Paulo insiste por demais sobre a origem primitiva da tradição relativa à Eucaristia quando diz: «Recebi do Senhor». Quanto à tradição relativa à ressurreição, limita-se a dizer: «Aquilo que eu mesmo recebi». Com efeito, essa tradição nasceu do testemunho dos apóstolos que tinham visto Cristo vivente; na realidade, o primeiro testemunho foi o das mulheres que se encontraram em primeiro lugar com o ressuscitado, mas só adquiriu autoridade depois de ter sido acolhido e confirmado pelos apóstolos.

A propósito da Eucaristia, a tradição é recebida diretamente do Senhor, porque foram as palavras e os gestos de Cristo que instituíram a Eucaristia durante a Última Ceia, com o convite formal a reproduzir o mistério celebrado pela primeira vez na véspera do drama redentor: «Fazei isto em memória de Mim».

A tradição recebida do Senhor significa, portanto, não só uma transmissão de recordações garantida pelas testemunhas, mas também uma transmissão da vontade de Cristo, que continua a conduzir a Igreja, associando-a à sua morte e ressurreição, no

mistério eucarístico. E uma tradição que garante a intervenção ativa de Jesus em cada celebração eucarística. Aquele que inventou e instituiu a Eucaristia continua, através da intervenção da sua Igreja, a realizar a oferta mediante o dom do seu corpo e do seu sangue. Trata-se de uma ação do Senhor, ou seja, de Cristo, em plena posse de todo o seu poder salvífico, segundo o significado atribuído por S. Paulo àquele termo.

«Fazei isto em memória de Mim»

Paulo conservou para nós esta ordem de reiteração pronunciada por Jesus depois da consagração do pão e da consagração do vinho. Dessa ordem nasce a celebração da Eucaristia na Igreja. A mesma ordem é referida também no Evangelho de Lucas, no que se refere à consagração do pão (Lc 22, 19), enquanto Paulo a refere a ambas as consagrações.

Esta ordem teve consequências notáveis, não só pela sua reiteração na celebração eucarística, mas também pela escolha daquilo que deveria ser incluído na própria celebração. Os apóstolos compreenderam que a intenção de Jesus entendia tanto a consagração do pão, como a do cálice, através do convite de comer o corpo e beber o sangue.

As duas consagrações conferiam novo significado a dois ritos do banquete pascal: a bênção inicial do pão, e, mais perto do fim, a bênção reservada ao terceiro cálice. Todo o resto da ceia pascal poderia desaparecer da liturgia cristã. As palavras: «Fazei isto em memória de Mim» indicavam claramente aquilo que devia ser feito, para que a memória de Cristo fosse atualizada como Ele queria. Por isso o culto cristão não reproduziu a consumação do cordeiro, mas apenas a dupla consagração do pão e do vinho.

Esta dupla consagração retoma os dois ritos correspondentes do banquete hebraico, transformando profundamente o seu

significado e conferindo-lhes um novo valor. A novidade deriva do sacrifício redentor, que confere um conteúdo superior ao banquete. A bênção do pão, utilizada na liturgia hebraica, mantinha o pão com a sua consistência e a sua função de alimento corporal, ao passo que a consagração pronunciada por Jesus transforma o pão no seu corpo, como alimento espiritual. De igual modo, o cálice da bênção fazia circular um vinho verdadeiro entre os convivas, enquanto, na liturgia cristã, aquela passa a ser, mediante a consagração, o cálice do sangue do Salvador, destinado a comunicar um êxtase espiritual, a par do amor supremo que anima o sangue derramado pela humanidade.

Os apóstolos, portanto, deverão fazer algo fundamentalmente novo, algo que supera até ao infinito tudo aquilo que as liturgias anteriores tinham podido imaginar e celebrar. A grandeza da novidade é expressa pelas palavras: «em memória de Mim». O banquete pascal era consumado em memória de Javé, o Deus soberano que tinha manifestado o seu poder, libertando o povo hebreu do jugo do Egipto. A esse Deus se elevava a homenagem de reconhecimento e de admiração do povo pela maravilha da sua intervenção libertadora. O culto hebraico recordava, para sempre, o gesto miraculoso com que Deus salvara o seu povo; nisso encontrava um motivo essencial de louvor e adoração.

A partir de agora, a concentração do olhar e da homenagem, totalmente voltados para Deus, deve dirigir-se para o seu Cristo. O novo banquete deve ser feito «em memória» do «Eu» de Jesus: o «Eu» de um homem, mas, ao mesmo tempo, e sobretudo, o «Eu» d'Aquele que é Deus. Trata-se, com efeito, do «Eu» d'Aquele que revelou a própria identidade, dizendo: «Eu sou». E um «Eu» divino que pertence à eternidade e domina todo o tempo humano, e mais particularmente todo o passado do povo hebreu, como revela a afirmação: *«Em verdade, em verdade vos digo, antes de Abraão ser, Eu sou»* (Jo 8, 58).

Jesus tinha consciência de que o seu «Eu» era divino; a sua pessoa misteriosa era pessoa eterna. Ao ordenar aos discípulos que repetissem o gesto da Eucaristia em memória de Si, mais não fazia do que reconhecer ao seu próprio «Eu» o lugar soberano que já ocupava na obra da salvação. O seu «Eu» era um «Eu» de Filho de Deus e, enquanto tal, devia desempenhar um papel único no destino da humanidade. Tal como existia desde sempre, também nunca deveria deixar de existir nem de constituir o centro que devia atrair a Si o impulso de fé, de oração e de amor de toda a humanidade. Cada celebração eucarística renova a memória do «Eu» de Cristo, dirigindo as mentes e os corações para a pessoa do Filho de Deus incarnado.

Memorial

Ao dizer: *«Fazei isto em memória de Mim»*, Jesus não desejava apenas que os homens vivessem depois d'Ele recordando-se da sua pessoa. Ele queria fazer da Eucaristia um memorial.

O memorial é definido pela sua realidade objetiva. Não consiste apenas numa memória subjetiva, numa recordação que só é realidade em pensamento. E manifestação institucional, exterior, da memória; é recordação que se inscreve definitivamente na história, para conferir um carácter perpétuo ao acontecimento que deve ser comemorado.

Assim, a ceia pascal era um memorial, uma instituição que, em cada ano, recordava a libertação concedida por Deus ao seu povo. Esse memorial era a garantia de que o êxodo, acontecimento do passado, regressava à memória dos hebreus e reforçava a sua ligação ao Deus libertador.

Com a Eucaristia, Jesus quis instaurar um novo memorial. Transformando o banquete pascal em banquete eucarístico, instituiu um memorial capaz de reproduzir, para sempre, aquilo

que aconteceu durante a Última Ceia. Não era suficiente que o amor sublime que inspirou a sua paixão redentora permanecesse na recordação da humanidade. Esse amor queria dar-se através de um banquete destinado a ser vivido na vida da Igreja, e que comportaria uma renovação incessante da oferta redentora.

Ficava assim garantida a realidade objetiva do memorial. Jesus tinha o poder de dar a este memorial um valor supremo porque Ele próprio era Deus e possuía, na sua eternidade de pessoa divina, uma soberania total sobre o passar do tempo. Ele podia tornar presente e atual aquilo que era acontecimento do passado, e assim podia repetir, até ao infinito, ao longo do crescimento temporal da sua Igreja, o gesto realizado no momento da instituição da Eucaristia. Devemos observar, além disso, que o convite «Fazei isto» não pode ocultar a verdade mais fundamental da iniciativa e da ação divinas na Eucaristia: através da mediação d'Aquele que «fez isto», é Cristo que atua; é Ele que Se oferece e Se doa.

O memorial eucarístico é único no seu género, graças à divindade de Cristo: memória e presença atual coincidem. Existe uma única recordação do sacrifício realizado de uma vez para sempre para salvação da humanidade; este sacrifício, sempre que é comemorado, toma-se atual como realidade sacramental. De igual modo, há muito mais do que uma simples recordação do banquete consumado por Jesus, com os seus apóstolos, na vigília da sua morte; na sua qualidade eucarística, este banquete reproduz-se através da presença do corpo e do sangue do Salvador.

O memorial faz reviver, concretamente, a recordação da Última Ceia, e provoca admiração frente à invenção divina, destinada a fazer a humanidade entrar profundamente no mistério da incarnação redentora. Suscita uma ligação afetiva mais forte à pessoa de Cristo.

Jesus tinha anunciado esse poder de atracão que viria a exercer sobre todos os homens: *«Quando Eu for elevado da Terra, atrairei todos a Mim»* (Jo 12, 32). Quando, na Eucaristia, ressoam as palavras: «Fazei isto em memória de Mim!», renova-se esse atracão universal que provém do «Eu» de Cristo. O Salvador foi elevado da Terra, primeiro sobre a cruz e depois na glória, através da Ascensão. A elevação dolorosa na cruz, e depois a gloriosa, na glória celeste, são comemoradas na Eucaristia, com o objetivo de garantir a irradiação mais ampla do poder do Salvador, que vem reunir a humanidade à volta da sua própria pessoa.

Tornando presente este «Eu» de Cristo através do dom do seu corpo e do seu sangue, a Eucaristia desempenha a sua função de memorial. Este memorial é rico de um passado que se consumou na oferta de um «Eu» sacrificado em benefício de todos.

Ele contém a garantia de um futuro que se exprime através do crescimento da reunião da comunidade cristã no universo.